

Percepção dos jornalistas sobre agressões sofridas em tempos da covid-19

Journalists' perception on aggressions suffered in times of covid-19

Percepción de los periodistas sobre agresiones sufridas en tiempos de covid-19

Jandesson Mendes Coqueiro^{1,a}

jandesson.mc@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5321-5174>

Michele Nacif Antunes^{2,a}

michelenantunes@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-8500-8930>

Taylon Batista dos Santos^{3,b}

taylonsantos85@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9555-744X>

Beatriz Joia Tabai^{3,b}

beatrizjoiatbai@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7011-5792>

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Enfermagem. Vitória, ES, Brasil.

² Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade de Medicina do Mucuri. Teófilo Otoni, MG, Brasil.

^a Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo.

^b Graduando em Medicina pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

RESUMO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que objetivou analisar, a partir do referencial teórico da Análise Institucional Socioanalítica, o discurso dos jornalistas sobre a experiência de violência no processo de trabalho deles durante a pandemia da covid-19. Foi realizada entrevista projetiva com dez jornalistas com o auxílio de um painel de notícias, e a escolha dos participantes se deu por técnica de bola de neve. Os resultados apontaram que a violência aconteceu mediante abordagens nas ruas, na maioria das vezes sob a forma de agressões verbais proferidas por apoiadores do atual governo federal (2019-2022), o que causou nos jornalistas sofrimento psicológico e dificultou o desenvolvimento das atividades laborais. Faz-se necessário, após a pandemia, que a violência contra os jornalistas permaneça em pauta e que isso abra novas perspectivas para futuras linhas de pesquisa que possam aprimorar os protocolos de proteção aos profissionais da comunicação.

Palavras-chave: Jornalismo; Violência; Covid-19; Comunicação em saúde; Agressão.

ABSTRACT

This is a study with a qualitative approach that aimed to analyze, from the theoretical framework of Socioanalytical Institutional Analysis, the discourse of journalists about the experience of violence in their work process during the covid-19 pandemic. With the help of a news panel, we carried out a projective interview with ten journalists, and the participants were chosen with the snowball technique. The results pointed out that the violence happened through approaches in the streets, most of the time in the form of verbal attacks by supporters of the current federal government (2019-2022), which caused the journalists psychological suffering and difficulty in developing their work activities. After the pandemic is over it is necessary that violence against journalists remain on the agenda and that it opens new perspectives for future lines of research that can improve protection protocols for communication professionals.

Keywords: Journalism; Violence; Covid-19; Health communication; Aggression.

RESUMEN

Se trata de un estudio con enfoque cualitativo que tuvo como objetivo analizar, desde el marco teórico del Análisis Socioanalítico Institucional, el discurso de periodistas sobre la experiencia de la violencia en su proceso de trabajo durante la pandemia de la covid-19. Se realizó una entrevista proyectiva a diez periodistas con la ayuda de un panel de noticias, y la elección de los participantes se hizo mediante la técnica de la bola de nieve. A partir de esto, los resultados señalaron que la violencia se dio por abordajes en las calles, la mayoría de las veces en forma de agresiones verbales por parte de simpatizantes del actual gobierno federal (2019-2022), provocando sufrimiento psicológico y dificultad en el desarrollo de actividades laborales por parte de los periodistas. Es necesario que la violencia contra los periodistas permanezca en la agenda tras la pandemia y abra nuevas perspectivas para futuras líneas de investigación que puedan mejorar los protocolos de protección de los profesionales de la comunicación.

Palabras clave: Periodismo; Violencia; Covid-19; Comunicación en salud; Agresión.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Jandesson Mendes Coqueiro.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Jandesson Mendes Coqueiro, Michele Nacif Antunes, Taylon Batista dos Santos e Beatriz Joia Tabai.

Redação do manuscrito: Jandesson Mendes Coqueiro, Michele Nacif Antunes, Taylon Batista dos Santos e Beatriz Joia Tabai.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Jandesson Mendes Coqueiro, Michele Nacif Antunes, Taylon Batista dos Santos e Beatriz Joia Tabai.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: O estudo foi realizado mediante parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sob o registro CAAE 31732620.5.0000.5108, aceito sob parecer n. 4.045.335.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 15 fev. 2022 | aceito: 18 abr. 2022 | publicado: 30 set. 2022.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

O jornalismo é considerado uma das corporações necessárias ao funcionamento da sociedade; por isso, trata-se de atividade fundamental no processo de consolidação do projeto democrático. É por meio da atuação jornalística, por exemplo, que se estimula a transparência pública e se publicizam os atos vinculados aos exercícios dos poderes (RIOS; BRONOSKY, 2020).

Além disso, ao longo das práticas comunicativas implementadas pelos jornalistas, o direito à comunicação tem sido considerado um direito-síntese dos direitos humanos (ARAÚJO, 1992) e um campo mediador que oportuniza todos os demais direitos (EMERICH *et al.*, 2016) – uma vez que a informação é relevante para a construção da cidadania e característica da atuação jornalística contemporânea, dentro de uma sociedade midiaticizada. Dessa forma, o cidadão tem o direito de ser provido de informações necessárias para o seu cotidiano, e o jornalismo se configura como uma das formas de expressão desse direito (EMERICH *et al.*, 2016).

No contexto da covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta em 31 de dezembro de 2019, após as autoridades chinesas terem notificado casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan. Em 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a situação como uma pandemia. Desde então a covid-19 se tornou parte do cotidiano das nações, e a maioria das informações sobre a doença foi fornecida pela imprensa. Em contrapartida, a realidade das redações mudou completamente e passou a contar com medidas de segurança severas. Com a redução no número de profissionais que trabalhavam de forma presencial, uma parte foi para as ruas, se expôs e conviveu com o medo de contaminação, de possíveis sequelas e de morte pela doença. Outra parte, enfrentou os dilemas gerados pelo *home office* e pelo isolamento social (OLIVEIRA; GADINI, 2020).

Dessa forma, o jornalismo vem cumprindo um papel importante para a circulação de informações precisas de interesse público, configurando-se como objeto de estudos e teorias e aproximando-se cada vez mais dos discursos dos cidadãos. Se a ciência aponta, por exemplo, que o distanciamento e o isolamento social são estratégias apropriadas para o enfrentamento da doença causada pelo coronavírus, o jornalismo amplia os horizontes desse fato, oportunizando, entre outras questões, o acesso à informação (COUTINHO, 2020).

No ano de 2020, por exemplo, segundo informações divulgadas pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o jornalismo, numa perspectiva mundial, recuperou parte de sua credibilidade, mostrando-se ainda mais indispensável para as sociedades democráticas. Foi também observado que os jornalistas foram mais reconhecidos profissionalmente. Entretanto, em se tratando de Brasil, registraram-se particularidades negativas, pois foi o ano em que muitos jornalistas arriscaram suas vidas contra o vírus (muitos indo a óbito) e sofreram ainda mais violência por estarem cumprindo seu papel.

Nesse mesmo ano, foram registrados 428 episódios de violência, 105,77% a mais do que em 2019, e a descredibilização da imprensa, como em 2019, foi a violência mais frequente, com 152 casos, o que representa 35,51% do total (FENAJ, 2021). De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021), a pandemia da covid-19 criou novos desafios para a segurança dos jornalistas e exacerbou os já existentes. Eles enfrentaram o assédio crescente, a tensão psicológica, os traumas e um risco elevado de contrair o vírus. Segundo a Press Emblem Campaign (PEC, 2022), organização dedicada ao monitoramento da violência contra jornalistas, pelo menos 846 jornalistas morreram em todo o mundo, depois de terem contraído a doença, entre março de 2020 e novembro de 2021. E o Brasil tornou-se o país com mais vítimas, com um total de 111 mortes.

A violência contra os jornalistas é um fenômeno global. Waisbord (2020) argumenta que os jornalistas que são alvos mais prováveis de ataques se encaixam em categorias específicas definidas por marcadores

visíveis como: gênero, raça, etnia, sexualidade e religião. Mulheres que cobrem temas como política, direito, economia, esporte, direitos das mulheres, gênero e feminismo são mais propensas a se tornarem alvo de violência, principalmente nas plataformas *on-line* (POSETTI *et al.*, 2020). Os jornalistas asiático-americanos, por exemplo, foram impactados durante a pandemia da covid-19, principalmente por terem sofrido preconceito por conta de etnia (MCGEE, 2021). Shah *et al.* (2021) exploraram os desafios impostos pela covid-19 para os jornalistas no Paquistão e concluíram que a pandemia aumentou as disparidades e os riscos de segurança no jornalismo paquistanês e expôs falhas nas práticas jornalísticas do país. Osmann, Selva e Feinstein (2021) argumentam que os jornalistas que cobrem a pandemia estão enfrentando níveis de ansiedade e depressão semelhantes aos observados nos trabalhadores da saúde. Na América Latina, estudo semelhante (FRUTOS; SANJURJO, 2022) concluiu que a principal consequência trabalhista e emocional para os jornalistas foi a precarização do trabalho, durante a crise pandêmica, em consequência também da recessão econômica de alguns países.

Soma-se a esse cenário o fato de que a pandemia exacerbou os obstáculos existentes à liberdade de imprensa, não apenas nos estados autoritários, mas também nas democracias. Vários governos ao redor do mundo usaram a crise da pandemia como pretexto para impor restrições, para atacar e silenciar o jornalismo crítico (PAPADOPOULOU; MANIOU, 2021).

Vale frisar que a necessidade do combate à desinformação e aos discursos contrários à ciência e às diretrizes sanitárias, além de se apresentar ao jornalismo mundial como um desafio a mais, sustentou um pano de fundo que potencializou a violência sofrida pelos jornalistas em meio à pandemia da covid-19, intensificada, sobretudo, pela difusão rápida e descontrolada de informações imprecisas veiculadas nas plataformas sociais – fenômeno denominado infopandemia (FLORES, 2020). Outrossim, no Brasil, o governo federal (2019-2022) tem se apoiado no discurso negacionista dos efeitos da covid-19 e ampliado o confronto com órgãos jornalísticos para desacreditar ações adequadas ao combate da pandemia, como a testagem em massa, o distanciamento social e as vacinas. Consequentemente, houve um aumento significativo nos ataques aos jornalistas e uma degradação da liberdade de expressão no país (FENAJ, 2020; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 2020). Entre as estratégias do atual presidente do Brasil (2019-2022) denunciadas por distintas entidades de apoio aos profissionais da comunicação estão as agressões verbais e a desacreditação de seus conteúdos.

Do ponto de vista social, a violência contra os jornalistas acaba afrontando o princípio ético do cidadão que tem direito à informação, pois, se as agressões ao jornalismo aumentam, consequentemente, a qualidade das informações e o acesso da sociedade a elas diminuem. Quanto à perspectiva individual, a violência, em qualquer âmbito, traz o medo, o que faz com que a pessoa se sinta acuada, adoça em muitos aspectos, destruindo a qualidade de vida para uns e tornando a existência impossível para outros (MINAYO; ASSIS, 2017).

Assim, considerando o aumento da violência sofrida pelos jornalistas e as graves consequências sociais e individuais desse fenômeno, este estudo tem como objetivo analisar, a partir do referencial teórico da Análise Institucional Socioanalítica, o discurso dos jornalistas sobre a experiência de violência no processo de trabalho deles, durante a pandemia da covid-19.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa em que se ouviu a experiência de dez jornalistas sobre a violência sofrida, durante o processo de trabalho na pandemia da covid-19, em observância aos seguintes critérios de inclusão: 1) possuir graduação em jornalismo; 2) trabalhar como repórter de rua em um telejornal de uma emissora de televisão; e 3) ter realizado ao menos três reportagens na rua sobre a pandemia de covid-19.

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior na qual se buscou conhecer não só a experiência sobre a violência, mas também os atravessamentos e as potencialidades do processo de trabalho dos jornalistas ao longo da pandemia de covid-19, utilizando-se, para a produção do material, um painel de notícias, uma entrevista projetiva e os registros de um diário de campo elaborado pelos próprios pesquisadores.

O painel foi utilizado como dispositivo para a implementação da entrevista projetiva, pois essa técnica, conforme Goldenberg (2009), utiliza recursos visuais para estimular as respostas dos sujeitos pesquisados.

Para a confecção do painel, os pesquisadores fizeram a escolha, uma a uma, de todas as matérias a partir da ferramenta de busca do Google na aba notícias, totalizando sete notícias escolhidas de forma aleatória num espaço de 90cm de largura por 120cm de altura.

Os assuntos discutidos pelas matérias foram: 1) Político “debocha” de jornalistas por estarem trabalhando durante a pandemia da covid-19 (LINDNER, 2020); 2) Saúde mental e física dos repórteres durante a pandemia da covid-19 (LEWIS, 2020); 3) Interdição das escadas do Palácio do Planalto, obrigando os jornalistas a se aglomerar (FERRO, 2020); 4) Jornalista que morreu de covid-19 acusou emissora de televisão de negligenciar o assunto (CAIXETA, 2020); 5) Ex-repórter de uma emissora sofre de síndrome de *burnout* (CATRACA LIVRE, 2019); 6) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) enfatiza a importância da segurança dos jornalistas frente à pandemia da covid-19 (UNESCO, 2020); e 7) Repórter é agredido ao mostrar aglomeração em fila de banco durante a noite em Manaus-AM (FOCO AMAZÔNICO, 2020).

Segundo Lourau (1993), o diário de campo é uma escrita fora do texto que permite a reconstituição da história subjetiva do pesquisador e a produção de uma reflexão própria ao ato de escrever. Esse instrumento proporciona o conhecimento da vivência cotidiana do campo que se pretende estudar e a melhor compreensão da produção da vida intelectual.

A escolha dos participantes aconteceu de forma aleatória, entre maio e setembro de 2020, procedendo-se da seguinte maneira: 1) acesso dos pesquisadores ao *site* de uma emissora de televisão, identificada neste estudo como emissora A; 2) pesquisa de vídeos a respeito da covid-19 na barra de ferramentas de busca do *site* da emissora A; e 3) contato com o primeiro participante selecionado, que foi o jornalista que fez o vídeo mais recente publicado no momento da busca. Ou seja, o profissional que estava fazendo a reportagem no vídeo mais recente postado no *site* foi o primeiro convidado participante do estudo.

Dessa maneira, os pesquisadores enviaram o convite, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os esclarecimentos sobre os objetivos do estudo para o *e-mail* dos repórteres. Havendo o aceite do participante, o TCLE era assinado, digitalizado e remetido ao *e-mail* dos pesquisadores. Em seguida, agendava-se a entrevista no horário estabelecido pelo participante.

Com duração máxima de 60 minutos, a entrevista projetiva se deu por meio da plataforma de comunicação Google Meet, ferramenta que permite *chat* de vídeo e mensagens instantâneas. Para o estudo, os pesquisadores utilizaram apenas a chamada de voz, de modo que não fosse necessária uma rede de internet mais potente, facilitando, assim, o encontro virtual. As entrevistas foram registradas com auxílio de um gravador. O painel de notícias foi apresentado ao participante do estudo no momento da entrevista.

O participante do estudo, após finalizada a entrevista, indicava outro jornalista para participar da pesquisa, conforme a técnica denominada bola de neve. A técnica da bola de neve se dá a partir da identificação de um indivíduo que é convidado a indicar um colega, outro profissional, o qual, por sua vez, indicará outro, e assim sucessivamente, até que se alcance o ponto de redundância – ocasião em que se percebe que as informações já estão confirmadas. A partir desse momento, não há justificativa para a inclusão de novos participantes (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

Em seguida, houve as transcrições das entrevistas realizadas com cada jornalista e, juntamente com os apontamentos do diário de campo, a leitura minuciosa de todo o material. O *corpus* discursivo formado pelo

conjunto de depoimentos dos jornalistas sobre a violência foi analisado de acordo com referencial teórico-metodológico da Análise Institucional Socioanalítica (socioanálise), no sentido de acompanhar as linhas que se formaram no decorrer das entrevistas com os participantes do estudo, emergindo, dessa forma, círculos que se desfizeram no subitem intitulado “Violência sofrida por jornalistas durante a pandemia da covid-19: apontamentos”.

A socioanálise foi proposta no interior da Análise Institucional por René Lourau, em 1970, que define socioanálise como “um método de intervenção em situação que consiste em analisar as relações que as múltiplas partes no jogo social mantêm com o sistema manifesto e oculto das instituições” (HESS, 2004, p. 23).

As instituições se constituem como árvores de decisões lógicas que estabelecem as atividades humanas, apontando o que é indiferente, permitido e proibido. As instituições compreendem um movimento que gera (instituinte) um resultado (instituído) e um processo (institucionalização). Para que a função reguladora da instituição se realize de forma concreta, as instituições materializam-se em organizações ou estabelecimentos (BAREMBLITT, 2012), como a mídia, por exemplo.

O estudo foi realizado mediante parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. No sentido de manter o sigilo, cada um dos sujeitos foi denominado por números cardinais, e o nome das emissoras, dos estados e dos municípios por letras do alfabeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos participantes do estudo

Participaram dez jornalistas, sendo que apenas duas eram do sexo feminino. A idade do grupo variou entre 27 e 38 anos. Em relação aos critérios étnicos-raciais, cinco participantes se declararam pardos, quatro, brancos e um, indígena. A respeito da religião, prevaleceu o catolicismo, com cinco sujeitos. Sobre a região do país em que cada participante residia prevaleceram os sujeitos que se localizavam na região Sudeste, com seis participantes, além de dois na região Norte, um na região Sul e um na região Centro-oeste.

Em relação aos aspectos profissionais, o tempo de trabalho na área do jornalismo variou entre quatro e dez anos, o vínculo com a emissora atual, entre um e nove anos, e quanto à abrangência das reportagens prevaleceram as matérias de cobertura estadual.

Violência sofrida por jornalistas durante a pandemia da covid-19: apontamentos

A violência relacionada ao trabalho se configura como atitude voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo, podendo causar danos psicológicos ou físicos, com ocorrência no ambiente laboral, ou que envolva relações estabelecidas no trabalho ou em atividade concernente ao trabalho, sendo caracterizada também como forma de negligência no que se refere às condições de trabalho; à privação e infração de princípios fundamentais e de direitos trabalhistas e previdenciários; e à omissão de cuidados, socorro e solidariedade diante de algum infortúnio, caracterizados pela naturalização da morte e do adoecimento relacionados ao trabalho (OLIVEIRA; NUNES, 2008).

Em relação aos trabalhadores jornalistas, as situações de violência são organizadas, segundo a Fenaj, da seguinte forma: assassinatos; prisões/detenções; atentados; violência contra organização sindical; censuras; cerceamentos à liberdade de expressão por meios judiciais; impedimentos ao exercício profissional; agressões verbais; ameaças/intimidações; e agressões físicas (FENAJ, 2020).

Um estudo realizado por Parreira e Ghizoni (2021), com o objetivo de analisar as narrativas de um grupo de jornalistas do Tocantins acerca de suas vivências de prazer e sofrimento no trabalho, apontou que esses profissionais viviam em um ambiente de assédio, ameaça e violência, no qual o desrespeito ao profissional coexistia com a organização do trabalho.

Quando se fala em violência relacionada ao trabalho, os jornalistas entrevistados mencionaram que ela ocorre em abordagens nas ruas, na maioria das vezes sob a forma de agressões verbais, conforme depoimentos a seguir:

A agressão realmente aumentou para a gente na rua, a gente quase não faz o “ao vivo” na rua, procura fazer mais dentro da TV. (Jornalista 02)

Nossa, agressões verbais, várias. Posso dizer, por mim, na rua, desde o início da pandemia que isso se tornou um caos, perdi as contas de quantas sofri durante esses quatro meses de pandemia. Tive uma tentativa de agressão física que só não se consolidou porque a esposa do rapaz que ia partir para a agressão o segurou. Eu tive um colega que estava fazendo uma reportagem aqui no centro do município A e sofreu uma agressão física de ser empurrado. As agressões acho que verbais, às vezes, elas doem tanto quanto se fosse uma agressão física, sabe? Porque elas acabam atingindo você como ser humano e você como profissional, te colocando em descrédito naquilo que você está fazendo, sendo questionado se realmente aquilo que você está fazendo é o certo. (Jornalista 03)

[...] e depois a gente vai pra rua, a gente entrevista e a gente é hostilizado. (Jornalista 05)

Nós fomos quase agredidos mesmo, fisicamente, numa reportagem que eu estava fazendo e o cinegrafista acabou não aguentando mais tanta agressão verbal e acabou respondendo. O moço saiu do carro e queria agredir a gente. (Jornalista 09)

A agressão verbal, conforme os depoimentos anteriores, é configurada como uma transgressão das regras verbais que humilha, degrada, marca a falta de respeito para com a dignidade e o valor do indivíduo (INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES *et al*, 2005), sendo considerada umas das subdivisões da violência psicológica que ocorre pelo uso do poder de forma intencional contra um indivíduo ou coletividade, com objetivo de controlar as ações, os comportamentos ou decisões. Ela pode resultar no desenvolvimento de sofrimento físico, mental, espiritual, moral ou social do sujeito (VILELA, 2009).

O sofrimento psicológico, ocasionado pelas agressões verbais, e a sobrecarga de trabalho durante a pandemia da covid-19 são mencionados pelos jornalistas entrevistados, conforme trechos dos depoimentos a seguir:

[...] a gente vem falando muito de saúde mental durante a pandemia, isso em todas as profissões, e, com o jornalismo, diante da realidade de estar na linha de frente, com essas agressões [...] você acaba ficando com o psicológico mais abalado e tudo mais. Tem gente que às vezes acaba ficando mais “pilhado”, e, além de tudo, a profissão do jornalista, ela é um pouco estressante, você faz ao vivo. Tem dias que a gente entra 6 vezes ao vivo, falo 8 minutos, 10 minutos ao vivo, 15 minutos ao vivo, e isso para você falar 15 minutos ao vivo de uma pandemia. (Jornalista 08)

[...] e de repente, um dia, quando eu ouço um xingamento na rua, uma pessoa me chamando de [nome pejorativo da emissora de TV] e gritando atrás de mim, eu começo com uma dor muito forte e eu percebo

que isso é um estresse. Eu começo a trocar palavras às vezes no ar e tenho medo de entrar ao vivo para fazer com naturalidade uma coisa que antes eu fazia com o “pé nas costas”. E como é que você se comporta diante de um ser radical, que está te xingando de coisas que não são reais, uma pessoa que começa a te desqualificar sem nem mesmo saber o seu nome, apenas por causa de uma canopla de um microfone? (Jornalista 04)

Conforme os depoimentos dos jornalistas 04 e 08, para a socioanálise as consequências da violência desencadeiam processos antiprodutivos (uma antiprodução), ou seja, as potências produtivas naturais e sociais e as suas forças são voltadas contra si mesmas, levando-as aos processos de repetição ou autodestruição (BAREMBLITT, 2012), quando, por exemplo, a experiência de violência gera consequências psicológicas que impedem os jornalistas de realizar o trabalho deles com mais facilidade e prazer.

Além disso, as agressões verbais são fonte de sofrimento tanto quanto as agressões físicas, pelo conteúdo de humilhação que trazem e porque o trabalhador nunca sabe se elas irão progredir para a violência física. Por outro lado, elas trazem danos adicionais pela potência traumática, pela sensação de impotência e pelo sofrimento que implicam (LANCMAN *et al.*, 2007), conforme, por exemplo, depoimentos dos Jornalistas 03 e 06:

A gente sente nas ruas, não com agressões físicas, mas com muitas agressões verbais e que acabam de certa forma mexendo um pouco com o nosso psicológico e questionando um pouco nosso trabalho, se a gente está fazendo um trabalho correto ou não. [...] As agressões acho que verbais, às vezes, elas doem tanto quanto se fosse uma agressão física, sabe? Porque elas acabam atingindo você como ser humano e você como profissional, te colocando em descrédito naquilo que você está fazendo, sendo questionado se realmente aquilo que você está fazendo é o certo. (Jornalista 03)

[...] durante essa reportagem que fui fazer, fui hostilizado várias vezes, atrapalhavam o trabalho da gente na hora que ia gravar, principalmente quando eu aparecia com o microfone da empresa. Foi um dos dias que parei para repensar a minha profissão, pensar se realmente eu estava disposto àquilo. (Jornalista 06)

Lancman *et al.* (2007) argumentam que as intenções daqueles que agridem verbalmente podem ser semelhantes às daqueles que atacam fisicamente, ou seja, importunar, criticar os projetos do outro, atingi-lo, matá-lo simbolicamente e, nessa direção, substituem os ataques físicos. Essa conjuntura é agravada pelo fato de as agressões e suas consequências serem desconsideradas e/ou omitidas da condição de acidente e doença relacionada ao trabalho, conforme preconiza a legislação do Brasil (GOMEZ; THEDIM-COSTA, 1999). As agressões somente são notificadas como acidentes de trabalho quando há lesões corporais graves ou quando provocam incapacidade permanente ou temporária.

Dessa maneira, a subnotificação dos casos de violência no trabalho pode mascarar dados, impedindo a implementação de políticas de prevenção e o atendimento às vítimas de agressão. Em se tratando de agressão verbal, a situação pode ser ainda mais grave, pois os casos não costumam ser notificados, não há evidências, existe o risco de que seja considerada banal, sem grandes consequências para a vítima (LANCMAN *et al.*, 2007).

A respeito das agressões verbais aos jornalistas, a Fenaj (2021), em seu relatório sobre a violência, apontou que, apesar do aumento significativo dos casos de 2020, quando comparados aos de 2019 (ano em que houve quase 18% de casos a mais, em comparação com 2020), provavelmente há subnotificação, pois muitos profissionais não chegam a denunciar os ataques.

Além disso, é importante mencionar que a rotina de trabalho dos jornalistas é determinada por um processo complexo de produção que se inicia pela percepção, seleção e transformação de um acontecimento (matéria-prima) que resultará em um produto – a notícia (TRAQUINA, 2004). Com isso, a intensificação das demandas de trabalho em tempos de pandemia, juntamente com a experiência de violência, impacta diretamente o cotidiano produtivo do jornalista, a qualidade do produto final e, particularmente, a qualidade de vida desses profissionais. E o mais grave: obriga-os a colocar a vida em risco, fazendo coberturas em ambientes ligados à doença, como hospitais, cemitérios e espaços públicos com aglomerações (LUBIANCO, 2020).

Dessa maneira, quanto mais frequentes forem as manifestações de violência contra os jornalistas, mais o jornalismo terá seu papel limitado por fatores de ordem operativa, como não conseguir apuração de determinadas informações importantes para constituição da notícia, o que poderá incorrer em imprecisão e/ou distorção dos fatos. Do mesmo modo, se o jornalista não consegue trabalhar com a necessária autonomia para questionar quem e o que deve ser questionado e oferecer as interpretações críticas sobre os fatos (RIOS; BRONOSKY, 2020), as pessoas podem deixar de ter à disposição as informações necessárias para as tomadas de decisão, o que pode comprometer diretamente o direito à informação e à democracia.

Sobre as consequências da violência na transparência das informações, um estudo realizado com 93 jornalistas no México apontou que o impacto principal das agressões no jornalismo era a autocensura – ou seja, em decorrência de ameaça ou ataque, os jornalistas se viam obrigados a eliminar determinadas informações de suas matérias ou, pior ainda, a não divulgar algo que poderia colocá-los em risco (GONZÁLEZ; DÍAZ CERVERÓ; BARREDO-IBÁÑEZ, 2021).

Partindo dessas considerações, Rios e Bronosky (2020) argumentam que, quando o jornalismo é vítima de violência, pode-se dizer que a sociedade também o é, pois é por meio do trabalho jornalístico, por exemplo, que se estimulam a transparência dos dados e a demanda de tornar públicas as ações vinculadas aos governantes. Também é mediante o trabalho jornalístico que as pessoas conseguem apreender o mundo que as cerca (fora de seu horizonte tangível), entender as relações estabelecidas na sociedade e embasar as suas próprias decisões.

É preciso ressaltar que, atualmente, a violência contra os jornalistas no Brasil está associada à interferência da polarização política, ao ingresso de novos atores que se sentem autorizados a atacar jornalistas e ao forte contexto de midiaticização na sociedade, o que amplia o contato direto entre o público e o jornalista (RIOS; BRONOSKY, 2020). A respeito disso, os jornalistas entrevistados deram as seguintes declarações:

[...] mas levando em conta a situação da emissora A, com a presidência, com o governo federal (2019-2022), então a gente sofre muito na rua com essa questão de provocação [...] muitos entrevistados citam [nome pejorativo da emissora de TV] atrapalham as entradas ao vivo. (Jornalista 01)

Eu acredito que deve ser alguma coisa relacionada ao governo federal (2019-2022). Há um discurso de ódio presente nisso, em relação à imprensa, sobretudo na grande mídia, que gera um reflexo na sociedade. Se há um discurso de uma autoridade ou de um político dizendo “ah, a imprensa é isso, a imprensa faz aquilo, a imprensa está inventando, está mentindo”, no outro dia a gente ouve as coisas na rua. Então, é um termômetro, você vê um discurso de alguma dessas autoridades, no outro dia tem uma situação na rua que você ouve uma agressão verbal, uma agressão de falar alguma coisa em relação à imprensa. (Jornalista 08)

Sim, ela (a agressão) ficou mais intensa, sim, depois da pandemia, principalmente por causa da questão política que nós estamos vivendo. Infelizmente é a realidade, pois as pessoas que são a favor do governo (2019-2022) tendem a ficar contra a gente. Então, quando a gente está fazendo reportagem,

gritam [nome pejorativo da emissora de TV], e isso ficou na boca dessas pessoas, tem gente que eu acho que fala e nem sabe o que está falando e ainda fal “ah, me filma aqui”, e as pessoas colocaram até adesivos falando isso nos carros, as pessoas passam com adesivos xingando a gente. (Jornalistas 09)

A violência implementada por autoridades políticas, conforme mencionado, gira em torno da compreensão de poder exercida por elas, ou seja, se configura, na perspectiva da socioanálise, como um conjunto de recursos diversificados com graus de violência crescente, designado a impor a vontade de um segmento social, seus apoiadores, sobre outros – por exemplo, os jornalistas.

Segundo a Fenaj (2021), em 2020 houve um aumento no número de violência contra jornalistas e a imprensa de modo geral, sendo que o atual presidente da república (2019-2022) foi apontado como um dos principais agressores, pois, sozinho, foi responsável por 40,89% (n = 175) das agressões, sendo que 145 ataques foram genéricos e generalizados a jornalistas e a veículos de comunicação, 26 foram casos de agressões verbais, um caso foi de ameaça direta a jornalistas, outro foi uma ameaça a uma emissora de televisão, e dois foram ataques à Fenaj. Além disso, essa postura serviu de incentivo para que apoiadores e auxiliares também adotassem a violência contra jornalistas como prática.

Um estudo realizado por Silva, Araújo e Oliveira (2021) com jornalistas da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo em João Pessoa (PB), também apontou a polarização política do atual cenário nacional como um dos fatores que impactam de forma negativa o desenvolvimento do trabalho dos profissionais de comunicação, devido aos ataques realizados pelas autoridades políticas. Destacou-se que a falta de organização das ações do governo para solucionar uma pandemia desencadeou uma briga política, tomando a imprensa como inimiga e culpada por divulgar as informações de uma doença letal, algo que muitos não queriam enxergar e que trouxe consequências graves para a população.

Cabe mencionar também um estudo realizado por Tuzzo e Temer (2021) que fez uma análise das matérias jornalísticas que envolveram agressões às mulheres jornalistas e que verificou uma repetição das agressões que não se encerrou nas agressões em si, mas prosseguiu com comentários dos grupos de apoiadores do atual presidente da república (2019-2022) nas redes sociais. Isso, na visão das autoras, é fruto de uma sociedade polarizada, o que demonstra que a relação entre a política e o jornalismo no Brasil está se tornando mais tensa.

Além dos contextos político e socioeconômico vivenciados no Brasil atualmente, as novas possibilidades de comunicação tecnológicas têm possibilitado práticas de violência contra os jornalistas, com o uso de redes sociais, por exemplo. Em vista disso, constata-se que, além de acumular novas pressões operativas no âmbito da produção, os profissionais do jornalismo ainda precisam buscar meios e estratégias adicionais de proteção para exercer a atividade profissional em segurança (RIOS; BRONOSKY, 2020).

Uma estratégia, para a socioanálise, pode ser considerada como uma sistematização de metas a serem alcançadas (como evitar situações de violência), manobras, alternativas viáveis e avanços necessários para o estabelecimento de uma intervenção. Em relação a isso, os jornalistas apresentaram os seguintes argumentos:

É uma orientação da empresa, quando alguém começa a nos agredir verbalmente nós temos que sair, porque a gente não sabe se isso vai evoluir para uma agressão física. (Jornalista 07)

[...] por conta disso [das agressões], os carros não estão mais plotados, a gente não tem mais identificação, a nossa identificação é só no microfone e na câmera. (Jornalista 09)

Os ataques vão existir, mas, aí, com relação aos cuidados, a empresa tem dado todo o suporte para esses cuidados. (Jornalista 10)

No entanto, as estratégias implementadas pelas empresas jornalísticas para diminuição dos episódios de violência sofridos pelos jornalistas ainda exercem pouco impacto frente à complexidade da questão. Conforme o Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas (2013), as empresas de comunicação precisam estabelecer medidas de segurança para os jornalistas, entre elas, mas, sem exclusão de outras: assistência à saúde e seguro de vida, promoção de cursos de treinamento em segurança, acesso à seguridade social e à remuneração adequada tanto para os empregados em tempo integral como para os que não têm vínculo empregatício (*freelancers*) (UNESCO, 2013).

No âmbito macropolítico, faz-se necessário pensar em estratégias de combate à violência com a criação de um ambiente livre e seguro para os jornalistas e trabalhadores da mídia, tanto em situações de conflito quanto em situações não conflituosas, com potencialização de ações que sensibilizem o público em geral sobre a relevância da segurança dos jornalistas e sobre o combate à impunidade (UNESCO, 2013). O Brasil é um dos doze países no mundo em que os autores de agressões à imprensa seguem, frequentemente, sem serem responsabilizados por seus atos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornalistas desempenham um papel fundamental na comunicação de pandemias e emergências em saúde pública, como foi, por exemplo, com os vírus SARS, H1N1, dengue e zika. Porém, a pandemia da covid-19 tem gerado um novo desafio para os jornalistas. A pluralidade de respostas políticas e científicas, a polarização política, o negacionismo e os discursos anticiência afetaram diretamente a prática profissional e a segurança dos jornalistas. Diante desse cenário, este estudo buscou entender a violência sofrida por jornalistas brasileiros durante a pandemia da covid-19.

Ao ouvir a experiência de jornalistas que atuaram durante a pandemia foi possível evidenciar a violência sofrida nas ruas, principalmente sob a forma de agressões físicas e verbais que causaram sofrimento psicológico, sobrecarga de trabalho, e desencadearam processos antiprodutivos.

A subnotificação da violência vivida pelos jornalistas também merece destaque e aponta a urgência para que as empresas de comunicação estabeleçam medidas de segurança para os jornalistas, principalmente no que se refere à oferta de treinamento para lidar com situações de conflito, e também à oferta de apoio psicológico para aliviar o sofrimento emocional.

Outro fato a ser destacado é que a crise pandêmica acrescentou novas dimensões à liberdade de imprensa, caracterizada pelas ações do Estado e por outras autoridades que parecem ter usado a pandemia como pretexto para silenciar e atacar o jornalismo e algumas empresas de comunicação. No Brasil, o atual presidente da república (2019-2022) foi apontado pelos jornalistas como um dos principais agressores, um dos incentivadores de ataques e do descrédito em relação ao papel informativo da mídia, além de implementar medidas que ferem o direito de acesso à informação. Dessa forma, o atual governo brasileiro violenta também a liberdade de expressão, fundamental para a prática do jornalismo em sociedades democráticas.

Espera-se que este estudo contribua para que a violência contra os jornalistas e a liberdade de expressão permaneça em pauta após o fim da pandemia e abra novas perspectivas para futuras linhas de pesquisa que possam aprimorar os protocolos de proteção de jornalistas, sejam *freelancers* ou ligados a meios públicos, privados ou comunitários.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. *In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. p.147-178.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, cidadania e sociedade no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 42-49, jan.-dez. 1992. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/12/pdf_af358e8fcb_0013939.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **81% de crimes contra jornalistas seguem impunes no mundo**. Rio de Janeiro, 03 nov. 2021. Disponível em: <http://www.abi.org.br/81-de-crimes-contra-jornalistas-seguem-impunes-no-mundo/>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Registros de ocorrências de atentados à liberdade de imprensa no Brasil no mês de maio de 2020**. Rio de Janeiro: ABI, 2020. Disponível em: <http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/RELAT%C3%93RIO-ABI-MAI-2020.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.
- BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 6. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2012.
- CAIXETA, Heloísa. Jornalista que morreu por covid-19 acusou SBT de negligência. **Metrópoles**, [Brasília, DF]: 14 abr. 2020. Pipocando. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pipocando/jornalista-que-morreu-por-covid-19-acusou-sbt-de-negligencia>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- CATRACA LIVRE. Ex-repórter da Globo, Izabella Camargo, teve 6 crises de estresse. **Catraca Livre**, [São Paulo], 12 abr. 2019. Bem-estar. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/ex-reporter-da-globo-izabella-camargo-teve-6-criSES-de-estresse/>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- COUTINHO, Iluska. Prefácio: o papel e as telas no jornalismo. *In: SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia (org.). Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na internet*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 7-10.
- EMERICH, Tatiana Breder *et al.* Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiatização. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 1-16, 2016. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v10i4.1065>. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1065>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra os jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2019**. Brasília, DF: Fenaj, 2020. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra os jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2020**. Brasília, DF: Fenaj, 2021. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.
- FERRO, Maurício. Planalto interdita escadas e obriga jornalistas a se aglomerarem em elevadores. **Poder 360**, [Brasília, DF], 25 mar. 2020. Governo. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/planalto-interdita-escadas-e-obriga-jornalistas-a-se-aglomerarem-em-elevadores/>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- FOCO AMAZÔNICO. Repórter é agredido ao mostrar aglomeração em fila de banco durante a noite em Manaus. **Foco Amazônico**, Manaus, 30 abr. 2020. Manaus. Disponível em: <https://www.focoamazonico.com.br/reporter-e-agredido-ao-mostrar/>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- FRUTOS, Ruth; SANJURJO, Sebastián. Impacto del covid-19 en el periodismo latinoamericano: entre la precariedad laboral y las secuelas psicológicas. **Cuadernos.info: Comunicación y medios en iberoamérica**, Santiago, v. 51, p. 114-137, 2022. DOI: <https://doi.org/10.7764/cdi.51.27329>. Disponível em: <http://cuadernos.info/index.php/cdi/article/view/27329>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GOMEZ, Carlos Minayo; THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. Precarização do trabalho e desproteção social: desafios para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 411-422, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000200015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/N5TFDLrXCjpsrQT7vdfWVrh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.

GONZÁLEZ, Rubén Arnoldo; DÍAZ-CERVERO, Elba; BARREDO-IBÁÑEZ, Daniel. Reportear bajo amenaza: violencia, profesionalización y modernización irregular del sistema mediático mexicano. **Palabra Clave**, Chía, v. 24, n. 1, p. e2411, 15 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5294/pacla.2021.24.1.1>. Disponível em: <https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/11879>. Acesso em: 15 jun. 2022.

HESS, René. O movimento da obra de Lourau (1933-2000). In: ALTOÉ, Sonia. **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 15-46.

INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES *et al.* **Framework guidelines for addressing workplace violence in the health sector: the training manual**. Geneva (CH): International Labour Office, 2005. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---safework/documents/instructionalmaterial/wcms_108542.pdf. Acesso em: 05 fev. 2021.

LANCMAN, Selma *et al.* O trabalho na rua e a exposição à violência no trabalho: um estudo com agentes de trânsito. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11, n. 21, p. 79-92, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Rp56Nx8LTpzh5YbkzdpdxdfG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LEWIS, Katya Podkovyoff. Saúde mental e física dos repórteres durante a pandemia de covid-19. **Rede de Jornalistas Internacionais (Ijnet)**, Washington, DC, 10 abr. 2020. Reportagem sobre covid-19. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/sa%C3%BAde-mental-e-f%C3%ADsica-de-rep%C3%B3rteres-durante-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 21 jun. 2020.

LINDNER, Julia. Bolsonaro debocha de jornalistas: “Tem que ficar em casa”. **Terra**, São Paulo, 26 mar. 2020. Coronavírus. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/bolsonaro-debocha-de-jornalistas-tem-que-ficar-em-casa.39b9fa6c3cf7adff10ebc8340b9c9876167yipzk.html>. Acesso em: 24 jun. 2020.

LOURAU, René. **Análise institucional e prática de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LUBIANCO, Júlio. Sem trabalho remoto: repórteres fotográficos estão na linha de frente da cobertura da pandemia de covid-19 na América Latina. **Knight Center – LatAm Journalism Review**, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/sem-trabalho-remoto-reporteres-fotograficos-estao-na-linha-de-frente-da-cobertura-da-pandemia-de-covid-19-na-america-latina/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MC GEE, Mikaela C. **Asian American racism during the covid-19 pandemic: how Asian American journalists have been impacted**. 2021. 63 f. Dissertação [Master of Science]. Ohio University, Athens (OH), 2021. Disponível em: http://rave.ohiolink.edu/etdc/view?acc_num=ohiou1618949374791876. Acesso em: 02 jan. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de. (org.). **Novas e velhas faces da violência no século XXI: visão da literatura brasileira do campo da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

NICOLETTI, Janara.; FLORES, Ana Marta M. Violência contra jornalistas no canal de Jair Bolsonaro no Youtube: análise dos 100 primeiros dias de pandemia de covid-19 no Brasil. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, v. 18, n. 1, 93-125, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v18n1.2022.1438>. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1438/1401>. Acesso em: 29 jul. 2022.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de; GADINI, Sérgio. (org.). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

OLIVEIRA, Roberval Passos de; NUNES, Mônica de Oliveira. **Violência relacionada ao trabalho: uma proposta conceitual**. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 22-34, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000400004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KyjfVWY9xBHnjN9QYRXvFCC/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **O jornalismo é um bem público: tendências mundiais em matéria de liberdade de expressão e desenvolvimento da comunicação social; relatório global 2021/2022**. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379826_por. Acesso em: 18 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança dos Jornalistas**. Brasília, DF: Unesco, 20213.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Unesco enfatiza a importância da segurança de jornalistas frente à pandemia da covid-19**. Paris: Unesco, 2020b. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/unesco-enfatiza-importancia-da-seguranca-jornalistas-frente-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 02 mar. 2020.

OSMANN, Jonas; SELVA, Meera; FEINSTEIN, Anthony. How have journalists been affected psychologically by their coverage of the covid-19 pandemic? A descriptive study of two international news organisations. **BMJ Open**, Londres, v. 11, n. 7, p. e045675, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045675>. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/11/7/e045675>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PAPADOPOULOU, Lambrini; MANIOU, Theodora A. 'Lockdown' on digital journalism? mapping threats to press freedom during the covid-19 pandemic crisis. **Digital Journalism**, [s. l.], v. 9, n. 9, p. 1344-1366, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2021.1945472>. Acesso em: 04 fev. 2021.

PARREIRA, Jordanna de Sousa; GHIZONI, Liliam Deisy. O trabalho em pauta: narrativas das jornalistas sindicalizadas no Tocantins. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 22, n. 48, p. 23-42, 2021. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6695. Acesso em: 31 ago. 2022.

POSETTI, Julie *et al.* **Online violence against women journalists: a global snapshot of incidence and impacts**. Paris: International Center for Journalists (ICFJ), 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375136>. Acesso em: 29 jul. 2022.

PRESS EMBLEM CAMPAIGN (PEC). **Countries with the most covid-19 related deaths**. Genebra: Press Emblem Campaign, 2022. Disponível em: <https://www.presseblem.ch/-1.shtml>. Acesso em: 18 abr. 2022.

RIOS, Aline; BRONOSKY, Marcelo. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 17, p. 86-103, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v11n17.2019.81064>. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81064>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SHAH, Sayyed Fawad Ali *et al.* Health and safety risks to journalists during pandemics. In: JAMIL, Sadia *et al.* (ed.). **Handbook of research on discrimination, gender disparity, and safety risks in journalism**. Hershey: IGI Global, 2021. p. 90-103. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-6686-2.ch006>. Disponível em: <https://www.igi-global.com/gateway/chapter/267629>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SILVA, Laerte José Cerqueira da; ARAÚJO, Mateus Bezerra; OLIVEIRA, Vanessa Silva. Os ataques aos jornalistas na cobertura da pandemia da covid-19: o caso da TV Cabo Branco – Afiliada da Rede Globo em João Pessoa-PB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 4-9 out. 2021, online. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/vanessa-silva-oliveira.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TUZZO, Simone Antoniaci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 15, n. 3, p. 58-74, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/lumina/article/view/35226>. Acesso em: 31 ago. 2022.

VILELA, Laurez Ferreira (coord.). **Manual para atendimento às vítimas de violência na rede de saúde pública do Distrito Federal**. Brasília (DF): Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2009. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20197%20Anexo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

WAISBORD, Silvio. Mob censorship: online harassment of US journalists in times of digital hate and populism. **Digital Journalism**, [s. l.], v. 8, p. 1030-1046, 24 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1818111>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2020.1818111>. Acesso em: 02 fev. 2022.